

# ÉLISÉE RECLUS: EDUCAÇÃO E NATUREZA

*Eliseu Savério SPOSITO<sup>1</sup>*  
*Antonio Elísio Garcia SOBREIRA<sup>2</sup>*

## Resumo

O presente texto tem, como principal referência, um diálogo com Franscesco Codello, por meio de sua obra sobre anarquismo e educação, que destaca o papel de vários autores dessa corrente e, entre eles, Elisée Réclus. Salientando a educação libertária, na obra de Réclus se encontra uma simbiose entre a natureza humana e o geoambiental. Descrevemos parte da formação de Réclus, lembrando seu caminho do protestantismo ao anarquismo, a educação entre ciência e ideal, e a crítica que ele faz à política escolar republicana de sua época, pela proposta de um modelo educativo libertário.

**Palavras-chave:** Pensamento geográfico. Educação libertária. Elisée Réclus.

## Abstract

### **Elisée reclus: education and nature**

This current paper has as its main reference, a dialogue with Franscesco CODELLO through his work about anarchism and education, which highlights the role of several authors of this chain, and among them, Elisee Reclus. Stressing the libertarian education, Reclus's work is a symbiosis between the human nature and the Geoenvironmental. To describe part of Reclus's formation work, we remember his way of Protestantism to anarchism, the education between science and idealism and his criticism about the Republican school policy of his time, and the proposal for a libertarian educational model.

**Key words:** Geographical Thought. Libertarian education. Elisée Reclus.

---

<sup>1</sup> Professor Titular, Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP – Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente. E-mail: essposito@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP – Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente. E-mail: sobregeo@ig.com.br.

## APRESENTAÇÃO

A obra intitulada "A boa educação: experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill", publicada pelas Editoras Imaginário e Ícone em 2007, volume primeiro, reúne biografias e teorias sobre o anarquismo e a educação escritas por Francesco Codello.

O propósito de Codello (2007) é amplo e bastante completo em referências para os interessados na história da educação libertária. Há dois capítulos dedicados aos geógrafos, um que aprecia a contribuição de Piotr Kropotkin e outro sobre Élisée Reclus<sup>3</sup>.

Na comunidade geográfica brasileira não conhecemos nenhum título dedicado à contribuição desses geógrafos que seja tão abrangente para a educação. Essa constatação é motivação para que se coloque um texto com maior poder de divulgação para que pesquisadores da Pedagogia e da Geografia se direcionem ao texto original.

Considerando essas premissas, este texto tem a função de explicitar as idéias de Reclus para a Educação, deixando o pensamento de Kropotkin para outra oportunidade (para que se especifique seu conjunto de idéias indissociáveis da pedagogia anarquista e, também, em razão de existir um maior conhecimento de suas elaborações em língua portuguesa). Como a base deste texto é a obra de Codello (2007), procuramos realizar o esforço de nos mantermos na perspectiva de colaborar com a Educação, principalmente naquilo que concerne a uma Pedagogia para a Geografia. Entretanto, foi necessário inserir elementos mais gerais do pensamento de Reclus que não poderiam, nesta oportunidade, ser tratados vagamente.

O capítulo que será nosso ponto de partida (Élisée Reclus: educação e natureza) está dividido em: 1. Premissa; 2. Do protestantismo ao anarquismo; 3. A educação entre ciência e ideal; 4. A crítica à política escolar republicana; 5. O modelo educativo e o Homem e a Terra. Este último, particularmente, é o que traz mais referências para o ensino de Geografia.

Codello (2007) opta por colocar as obras que consulta em notas de fim de página e, quando o leitor toma conhecimento da vasta bibliografia referente a Reclus, percebe que no Brasil há poucos títulos acessíveis desse autor (e em português). Essa lacuna precisa ser diminuída e a intenção, aqui, é para que mais pessoas tomem contato com essa obra (de Codello), mas também que considerem os escritos de Reclus com inferências para a educação.

Outra escolha feita foi citar tanto as colocações de Codello, quanto as que ele seleciona de Reclus e de autores que com ele se preocuparam para que o leitor tenha contato com a força dos textos desses autores. Este alerta é necessário porque serão inclusas citações longas de Reclus e de Codello e, também, de outros autores para que a explicação seja feita mais próxima das idéias originais.

<sup>3</sup> Os capítulos desse primeiro volume são: 1. William Godwin e a educação para a felicidade; 2. A teoria; 3. Max Stirner: a educação como liberação geral; 4. Pierre-Joseph Proudhon e a instrução politécnica; 5. Mikhail Bakunin: a educação como paixão e revolta; 6. Piotr Kropotkin: educação e comunidade; 7. A primeira Internacional e a comuna de Paris; 8. Élisée Reclus: educação e natureza; 9. Entre educação e revolução; 10. Indivíduo e educação; 11. Entre educacionismo, escolas libertárias e revolução: Luigi Fabbri; 12. A Encyclopedie Anarchiste (1926-1934).

## PREMISSA

Codello (2007) menciona a originalidade da obra de Reclus ao afirmar que, na educação libertária, encontra-se uma simbiose entre a natureza humana e o geoambiental: "O grande geógrafo, o cientista dotado de um forte senso ético no exercício de sua vocação profissional, une-a com a pesquisa científica, que o leva a uma exaltação da natureza em seus aspectos fundamentais da identidade humana" (p. 187).

Esse compromisso ético associado à produção científica para a educação é encontrado em outros anarquistas, por ser imbuída dos princípios de libertação humana e, também, para a

[...] superação da dependência mágica da natureza, não por meio da religião, mas como pleno reconhecimento da natureza-homem, ou seja, a colocação do homem na natureza, da qual não se abstrai (arbitrariamente), mas dentro da qual se identifica e da qual se considera parte para todos os efeitos (imanentismo natural). (CODELLO, 2007, p. 187).

Codello (2007) exemplifica, com essas palavras, o termo que ele compreende como inquietação geoambiental de Reclus, termo contemporâneo, mas que contém raízes na expressão *homem-natureza*. Essa é a parte do pensamento de Reclus mais conhecida entre os brasileiros.

De Codello tomamos as seguintes assertivas de Reclus, inscritas no prefácio de "O Homem e a Terra":

É dentro da pessoa humana, elemento primário da sociedade, que é necessário buscar um choque impulsivo das condições ambientais, destinado a traduzir-se em ações voluntárias para difundir as idéias e participar das obras que modificam o andamento das nações. O equilíbrio das sociedades não é instável senão para o [desconforto]<sup>4</sup> imposto aos indivíduos em seu franco desenvolvimento. (RECLUS apud CODELLO, 2007, p. 187).

A perspectiva do anarquismo sobre um indivíduo que é, e deve ser, dono de suas decisões, valoriza a ação reflexiva e libertária com o objetivo de transformar a lógica da existência das nações. Mas o incômodo a essa estabilidade ocorre no desenvolvimento intelectual dos indivíduos por meio de uma escolaridade rendida aos interesses de outros, em particular, da elite política burguesa e industrial. Seguindo a mesma citação, a ênfase à liberdade é provocante:

A sociedade livre estabelece-se por meio da liberdade fornecida em seu desenvolvimento completo a cada pessoa humana, primeira célula fundamental, que se agrega, em seguida, como lhe agrada, às outras células da humanidade mutante. É na proporção direta dessa liberdade e desse desenvolvimento inicial do indivíduo que as sociedades ganham em valor e em nobreza: é do homem que nasce a vontade criadora que constrói e reconstrói o mundo. (RECLUS apud CODELLO, 2007, p. 188).

<sup>4</sup> A palavra *gêne*, da introdução ao livro *L'homme et la terre* foi traduzida, na versão portuguesa do livro de Codello, por *gene*. Por esta razão, a palavra *desconforto* substituiu aquela na citação que colocamos neste texto com o intuito de corrigir a tradução.

A analogia da formação da pessoa como célula consciente e que promove autonomia permanente de suas ações é um reconhecimento primeiro que antecede a livre associação. Entretanto, isso não é um movimento dogmático, pois essa reunião de pessoas está em constante mutação. A vontade criadora é, também, força motriz dos homens na produção do espaço, como se prefere dizer noutros discursos. Todavia, essa vontade é por si uma crítica à expropriação da inventividade humana pelo Estado e pelo capitalismo. É como se existisse um determinismo criativo na noção de (re)construção socioespacial.

Diz, Codello, sobre isso, utilizando ideias de outro autor:

Reclus realiza uma tentativa mais profunda de interpretar todo acontecimento humano interligando a realidade histórica àquela natural, com uma abordagem do tipo 'naturalista', o homem natureza. A sociedade anarquista é a sociedade que substitui as leis históricas e artificiais do poder por aquelas naturalmente espontâneas da sociabilidade humana. (BERTI apud CODELLO, 2007, p. 189).

Essa referência ao pensamento filosófico e social de Reclus é um rompimento com a determinação social-histórica que coloca o homem sob o jugo do poder instituído sem qualquer chance de alterar a sociedade de classes como produto histórico que artificializa a relação social. Os homens são, naturalmente, associativos.

Codello (2007) afirma que, no fim do século XIX, Reclus era reconhecido por sua produção científica, mas estava ocultada a dimensão anarquista de seu pensamento. Completa, porém, afirmando que essas vertentes são inseparáveis para entender sua obra. Nesse sentido, uma caracterização feita por Codello é importante ressaltar:

Ele é sobretudo um homem de pensamento, ainda que não despreze nunca a militância e, por isso, expia freqüentemente as perseguições e a repressão como todos os anarquistas. Não é, por exemplo, um cativante e grande orador nos congressos da Internacional. Modesto e reservado, a sua vida é simples e discreta. Mas existe um outro caráter do pensamento de Reclus que é, ainda, pouco conhecido, isto é, aquele de educador e pedagogo. Não escreveu textos exclusivamente centrados na educação das crianças. (CODELLO, 2007, p. 189).

Codello (2007) argumenta, com essa citação, que não houve uma obra específica produzida por ele que teorizasse a educação na Geografia ou na política e opta pela história de vida de Reclus e de alguns de seus postulados para obter uma compreensão de sua perspectiva educativa que, no fim de sua vida, tomou lugar central em suas investidas intelectuais e militantes.

## **DO PROTESTANTISMO AO ANARQUISMO**

Neste subtópico, Codello (2007) busca, na infância e juventude, alguns elementos que identifiquem a gênese do pensamento e da práxis de Reclus. Para essa breve biografia, há dois pontos elucidativos centrais identificados por ele. São estes: a perda progressiva da fé e a aproximação 'impetuosa' das idéias do socialismo libertário e do anarquismo (2007, p. 190).

O amor que cultivava a Deus migrou para se dedicar à humanidade. Codello (2007) esboça esse ambiente afirmando que o pai de Reclus era pastor protestante, honesto e rigoroso. Calvinista severo que determinava a vida familiar, que influenciou fortemente a formação de seus filhos. Esse pai crente dos valores do cristianismo dividia seus bens com os pobres: renunciou à vida abastada e à boa fama construída com seu empenho cotidiano, além do cargo de presidente do Consistório, e aceitou o apelo dos cristãos de Orthez, nos baixos Pirineus, aonde se transfere para continuar sua missão (2007, p. 190). Nesse mesmo lugar, sua esposa, Margareth Trignant, abre uma escola infantil.

Codello (2007) demonstra que essa mãe tem influência secundária em seus onze filhos sobreviventes dos treze a quem dera à luz: "Élisée cresce nesse ambiente rigoroso, mas autêntico, impregnado de forte dever moral, de uma elevada ética de vida, mas também em meio a um ambiente natural, único e estimulante, rico de sugestão e precursor de imaginações. [...] Entretanto, ele jamais interiorizou a fé absoluta e total de seu pai [...]" (p. 191).

Na compreensão de Codello, Reclus percebeu cedo as contradições da religião que prega o amor, mas só mantém a igualdade perante Deus [a morte, aí, entra como mal necessário?], e isso fica evidente para ele em 1840, quando é enviado a estudar no instituto dos irmãos Morávios, na Alemanha. Lá ele conhece a hipocrisia dos estudantes da elite e de suas zombarias contra os mais pobres.

A figura de Elié, irmão que o acompanhou em quase toda a vida, é denotada depois dessa experiência, quando os dois vivenciaram, juntos, a faculdade de teologia de Mountauban, de onde foram expulsos, em 1851, por seus discursos subversivos. Codello (2007) enfatiza essa origem religiosa: se, por um lado, fez os irmãos refratários aos dogmas católicos, fez-lhes assimilarem um senso de justiça social que os introduziu em experiências socialistas libertárias.

A expulsão conduziu os irmãos Reclus a Berlim e Élisée tem contato com a Geografia por meio das aulas do professor Karl Ritter. Codello (2007) não detalha o grau de influência dessas aulas, mas é identificável o respeito ao método, ao potencial científico da Geografia em seus propósitos teórico-metodológicos comuns aos geógrafos da época. A matriz do pensamento de Reclus está para ser realizada a partir daí.

Nesse período, já distanciado da fé, aos 21 anos de idade, escreve o manuscrito "Desenvolvimento da liberdade no mundo", do qual Codello (2007) retira uma citação de Nettlau, aqui transcrita completamente:

Resumindo assim: a nossa finalidade política em cada nação particular é a abolição dos privilégios aristocráticos e, no mundo inteiro, a fusão de todos os povos. A nossa meta é atingir aquele estado de perfeição ideal no qual as nações não terão a necessidade de colocar-se sob a tutela de um governo ou de uma outra nação: é a ausência de governo, é a anarquia, a mais alta expressão da ordem. Aqueles que não acreditam que a terra possa um dia livrar-se da autoridade, não acreditam nem mesmo no progresso; esses são alguns reacionários. (NETTLAU<sup>5</sup> apud CODELLO, 2007, p. 192).

Um texto jovem por sua autoria e por seu sentido libertário e anarquista, preciso na sua luta contra o governo e bem provocante em sua idéia sobre a substituição

<sup>5</sup> Max Heinrich Hermann Reinhardt Nettlau (1865-1944) foi um historiador alemão anarquista.

dele [governo] por uma ordem mais qualificada e justa para a sociedade, representada por um pressuposto basilar do anarquismo, que é o autogoverno.

Reclus será obrigado a sair da futura Alemanha para viver na Inglaterra, depois na Irlanda e, em 1851, desembarca nos Estados Unidos da América, precisamente em Nova Orleans, ocupando-se como preceptor do filho de um plantador, função que abandona por rejeitar a escravidão e segue para a América do Sul em 1856<sup>6</sup>. Antes, escreve a Elié, falando de sua experiência como preceptor, com a seguinte compreensão:

Deixada sozinha, a criança, como tu mesmo pudeste observar, começa das idéias mais verdadeiras e filosóficas e desenha em primeiro lugar o tronco, depois os ramos e, em seguida, as folhas, mas o homem que instrui a criança, começa pelo outro extremo, prende-se à forma, à aparência exterior e dirige-se de fora para dentro, ensina-lhe os nomes e esquece-se das coisas, enquanto a natureza ensina as coisas e esquece-se dos nomes [...]. (RECLUS apud CODELLO, 2007, p.193).

Para os geógrafos encarregados do ensino da Geografia, esses dizeres são pilares do ensino significativo e investigativo porque eles fogem, radicalmente, da atitude pedante da memorização confundida com a erudição. Para Reclus, "observar a terra é, para mim, estudá-la; único estudo verdadeiramente sério que eu faço é aquele da geografia, e acredito que valha a pena observar a própria natureza em vez de imaginá-la de um escritório fechado" (RECLUS apud CODELLO, 2007, p.193).

Nessa citação em que parece depreciar o trabalho de gabinete puro, baseado nas descrições, por mais perfeitas que sejam, é possível entrever uma crítica direcionada a geógrafos que não fazem trabalhos de campo e se limitam a produzir conhecimento com bases secundárias. É, por certo modo, uma filiação a Humboldt, com quem se associa, na história do pensamento geográfico, à descrição sistemática da natureza.

Entre 1868 e 1869, Reclus escreve *La Terre e Histoire d'un ruisseau* (História de um riacho), sendo esta última escrita como se o riacho contasse sua própria história como um personagem. De acordo com Codello (2007),

É um texto que se desenrola segundo um estilo que oscila entre momentos poéticos e informações científicas, no qual o autor, personificando o curso d'água, faz ressurgir o seu manifestar, da nascente à foz, acompanhando-o de numerosos detalhes científicos, mas ao mesmo tempo, rico de metáforas e considerações sobre a relação do homem com a natureza. (p.213).

Essa estratégia irá se repetir em *Histoire d'une montagne* (História de uma montanha) publicada em 1880. Obras como essas irão popularizá-lo, porque foram adotadas por muitas bibliotecas públicas e escolares e muitas vezes reeditadas que, segundo Codello, é *Histoire d'un ruisseau*: "[...] um livro antecipador da moderna literatura ecológica" (2007, p. 213).

Seu encontro com Blanqui e Proudhon ocorrerá nesse período e, em 1864, conhecerá Bakunin. Segundo Codello (2007, p.194), esse contato irá aprofundar suas

<sup>6</sup> Lopes (2004, p. 37) registra que Reclus visitou o Brasil para realizar sua obra *Geographie Universelle* e foi homenageado em 18 de julho de 1893, em sessão solene da Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro, recebendo o diploma de sócio honorário daquela instituição.

críticas ao socialismo autoritário de inspiração marxista, mas sua posição anarquista não está consolidada e, por defender, um gradualismo na transformação social, não aceita todas as idéias de Bakunin. Isso não afasta os dois teóricos e, segundo Codello (2007, p.195), após a superação das diferenças, eles se manterão colaboradores e será Reclus o responsável pelo discurso de adeus no funeral de Bakunin.

Sua participação na Comuna de Paris será abreviada com seu aprisionamento pelos soldados de Thiers e deportação para a Suíça, graças à intervenção de cientistas reconhecidos que assinaram um protesto contra a pena que lhe impuseram (deportação para a Nova Caledônia); entre eles, Charles Darwin.

Na Suíça, além da produção em Geografia faz menções sobre a questão educativa endereçadas a Antoine Gerardo<sup>7</sup> contendo pressupostos da prática libertária, assim elaborados:

O senhor tem perfeitamente razão de não colocar livros de geografia nas mãos de seus alunos e ensinar o senhor mesmo oralmente. Os livros devem servir somente aos professores: nas mãos dos alunos, eles causam, em geral, mais mal do que bem. Ensinam desde verdades desordenadas a erros, mas, sobretudo, privam a criança de sua iniciativa individual. [...] A ciência deve ser algo vivo; caso contrário, não passa de ciência escolar miserável [...]. A grande arte do professor, tanto na geografia como de qualquer outra ciência, consiste precisamente em saber mostrar tudo completamente e de vários pontos de vista, a fim de conservar sempre o espírito estimulado e facilitar incessantemente novas conquistas. (RECLUS apud CODELLO, 2007, p.196).

São princípios da razão iluminista e do esclarecimento pela reflexão estimulada. Repudiando os manuais escolares e servindo-se de um expediente que ele muito incisivamente aprova nas aulas orais sem o subterfúgio livresco. Também é verdade que os livros continham erros e confusões<sup>8</sup>, mas menos grave que isso, como ele afirma, a limitação da iniciativa pessoal dos estudantes. Isso pode ser lido como uma defesa da autonomia intelectual e da constituição dessa prática; por conseguinte, a escola que se encontrava à época era uma reprodutora do discurso dos manuais e tomada pelo trabalho sem vivacidade, por parte dos professores. Sobre isso, afirma Codello:

Entende porque odeio os livros escolares. Não há nada de mais funesto para a saúde intelectual e moral dos estudantes. Eles apresentam a ciência como algo feito, terminando, assinalando, aprovando, tornando quase religião, a ponto de transformar-se em superstição. É um alimento morto e que mata. (RECLUS apud CODELLO, 2007, p.197).

As observações, sem intermediações ou eufemismos, contra os livros escolares são importantes não somente por seu (dos livros escolares) conteúdo científico frágil, dogmático e com crenças travestidas de ciência, mas porque os anarquistas identificaram, muito rapidamente, a utilização das escolas como ambientes de publi-

<sup>7</sup> Segundo Codello (2007, p. 207), entre os anos de 1873 e 1874, Reclus foi um tipo de conselheiro de Antoine Gerardo, diretor de uma escola na Hungria para jovens, caracterizada por sua completa laicidade e prática do exame livre.

<sup>8</sup> As informações contidas em livros didáticos desse período não podem ser consideradas fruto da má fé e da ideologia patriótica, mas essencialmente da incapacidade científica e metodológica para obter informações confiáveis. Além disso, a atualização das informações foi, e ainda é, problema na história desse instrumento pedagógico para as ciências humanas e sociais.

cidade nacionalista que não se sustentaria no trabalho científico na sua mais simples abordagem sobre a sociedade de classes.

Sua proximidade e respeito a Kropotkin é identificável no prefácio que faz do livro "A conquista do pão", de 1890, que é um marco da produção teórica e política do anarquismo. Não há referências de dois geógrafos anarquistas tão próximos e recíprocos quanto eles. Por isso, os diálogos que mantiveram e sua mútua influência ainda merecem mais estudos.

A explicação da origem do sentimento cultivado pela educação independente e investigativa é recorrente na obra de Reclus e Codello (2007) apresenta alguns elementos elucidativos:

O ideal cristão, mas também a independência de espírito, são elementos herdados de sua infância; tais aspectos e sentimentos contribuem para esclarecer seu interesse pela educação. [...] A sua formação científica e política são estritamente ligadas às experiências de vida, e, depois da Comuna, amadurece o conceito fundamental em sua abordagem dos problemas sociais por meio do uso da educação e da instrução: o êxito da revolução depende do povo. (CODELLO, 2007, p.198).

Aí está a perspectiva de educação e revolução: os anarquistas pretendiam o surgimento de um indivíduo intelectual e ideologicamente engajado na transformação da sociedade de classes. Essa afirmação pode nos levar a um impasse na compreensão de uma educação que busca um indivíduo independente intelectualmente e, ao mesmo tempo, o aprisiona à causa libertária se suas faculdades não forem reprimidas. É um princípio próprio de uma época que ainda ecoa em alguns escritos sobre a educação, sobre o qual os anarquistas contemporâneos são mais críticos.

Ao descrever a experiência de Reclus na Universidade Livre de Bruxelas em 1894, Codello (2007) demonstra que os preceitos anarquistas explicitados provocaram inflexões da parte da opinião pública que resultaram em sua expulsão e na criação de uma outra, denominada "Universidade Nova"<sup>9</sup> (2007, p.199).

Nesse momento, uma frase entusiasmada contida em uma carta por ele escrita, deve ser destacada:

Na pressa de uma revolução imediata expomo-nos por reações a perder a esperança quando se constata a força dos mais absurdos prejuízos e as ações das más paixões. Mas o anarquista consciente nunca se desespera: vê o desenvolvimento das leis históricas e as mudanças graduais da sociedade, e se não pode agir no conjunto do mundo além de uma forma mínima, pelo menos, sobre si mesmo, trabalhar para libertar-se pessoalmente de todas as idéias preconcebidas ou impostas, reagrupar, pouco a pouco ao redor de si alguns amigos que vivem e agem da mesma maneira. É, de vizinho para vizinho, com pequenas sociedades solidárias e inteligentes, que se constituirá a grande sociedade fraterna. (RECLUS apud CODELLO, 2007, p.199).

Novamente o gradualismo, sem qualquer fatalidade, inclusive, contendo uma posição antiautoritária em relação à emancipação social. A escalaridade da ação não está, essencialmente, na massa popular em luta. A rigor, a escala do lugar da ação

<sup>9</sup> Segundo Codello (2007, p. 214), Reclus irá trabalhar na Universidade Nova até seus últimos dias.



solidária é um oásis da práxis social para que ocorra a produção de outra experiência ética e social.

Esse gradualismo é, de certo modo, uma intervenção contra a conquista de liberdade imposta. É, também, o que irá criar divergências com outros socialistas que depositavam esperanças na revolução das massas por eles conduzidas. Esse objetivo era almejado pela vanguarda intelectual de esquerda, que tantos anarquistas deploraram e ainda deploram.

Sobre a citação anterior, Codello faz uma apreciação: “Essas expressões revelam também uma índole nobre, moderada, que jamais fez pesar seus conhecimentos, que não pretende servir de modelo para ninguém. Sempre disponível para receber os amigos, companheiros, curiosos [...]” (2007, p.199). O que pode ser adicionado a essas características é uma parte da construção ética anarquista mais remota ligada aos princípios cristãos de frugalidade e da premência de uma vida simples para que a fraternidade florescesse. Esse comportamento, mesmo que desligado do dogma religioso, permite que alguns críticos do anarquismo o rejeite por sua aparente ingenuidade perante o desejo humano de poder ou pelo prazer masoquista de entregá-lo às personalidades autoritárias e/ou para governos.

## A EDUCAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E IDEAL

A sua adesão [de Reclus] ao positivismo, apesar de comum entre os revolucionários e reformadores da época, concretiza-se em dois conceitos preeminentes: adoção de uma filosofia da história, que valoriza a evolução segundo linhas de progresso, portanto, uma concepção positiva que recusa ver no desenvolvimento histórico exclusivamente uma atualização das técnicas de domínio, quanto antes assinala os progressos realizados pelos homens como conquistas buscadas e alcançadas; a metodologia usada nos estudos que realiza embasa-se em um conceito intuitivo derivado da observação dos acontecimentos. (CODELLO, 2007, p.202).

Codello situa, nessa avaliação, as práticas e elaborações científicas dos anarquistas. A mesma coisa poderia ser dita de Kropotkin e do educador Ferrer y Guardia (1849-1909), que fundou a Escola Moderna ou Racional na Espanha, um projeto prático de pedagogia libertária, anti-estatal e anti-capitalista. Além disso, a Geografia prática e metodológica era pautada num discurso positivista que buscava desvencilhar-se do mundo das crenças religiosas<sup>10</sup>.

Neste ponto, vamos a outros autores que realizaram, à sua maneira, a leitura do papel da geografia libertária de Reclus. Andrade (1985) é o responsável pela principal coletânea de Reclus traduzida e organizada para a língua portuguesa no Brasil. As palavras deste evidenciam a conceituação que Codello cunha de geoambiental. Já no prefácio de sua obra *O homem e a Terra*, intitulado “O homem é a natureza adquirindo consciência de si própria”, está esse pressuposto:

Concebi o plano de um novo livro, em que seriam explicitadas as condições do solo, do clima, de todos os ambientes nos quais aconteceram os fatos da História; em que se mostra-

<sup>10</sup> Capel faz uma avaliação de Reclus procurando ver se ele se considerava um continuador da obra de Ritter por causa da utilização do método comparativo. Segundo Capel, para Reclus as comparações eram base da descrição geográfica, já que “não se pode conhecer a geografia íntima dos países antes de fazer estudos comparados” (1981, p. 301).

ria a harmonia dos homens e da Terra; em que as condutas dos povos se explicariam, da causa ao efeito, por sua consonância com a evolução do planeta (ANDRADE, 1985, p 38)<sup>11</sup>.

Há contribuições de Reclus que não estão do mesmo modo em Humboldt e Ritter sobre a sucessão das idades ou a importância da História, como ele mesmo expressa em diversas passagens do texto:

A geografia histórica concentra, em dramas incomparáveis, em realizações esplêndidas, tudo aquilo que a imaginação pode evocar. [...] A sucessão das idades se torna, para nós, uma grande escola, cujos ensinamentos se ordenam diante de nosso espírito e acabam até por se agruparem em leis fundamentais. (ANDRADE, 1985, p.39)<sup>12</sup>.

Capel (1981), por sua vez, afirma que a Geografia comparada ritteriana em Reclus converte-se conscientemente num elemento da indução positivista: [...] "só a partir de numerosas observações 'classificadas e racionalizadas' seria possível chegar a um verdadeiro conhecimento geográfico e conhecer, por exemplo, 'as modificações lentas das diferentes regiões'" (p. 301, tradução nossa). A apreciação geral de Capel sobre Reclus é que sua obra teve uma frágil influência na Geografia oficial francesa, mas reconhece que ele teve reconhecimento por sua militância política.

Seguindo a avaliação sobre Reclus, Capel (1981) identifica a assimilação do darwinismo e o impacto dessas idéias na Geografia, diminuindo a tendência que alguns ecologistas defendem de que ele teria antecipado o ecologismo. Capel percebe, em suas elaborações sobre o meio ambiente, uma filiação ao evolucionismo:

Naturalmente, em seu desejo de distanciar-se da geografia convencional, a qual criticava explicitamente e de conduzir esta ciência por caminhos mais 'científicos', Reclus tinha que ser 'determinista'. Para isso contribuía, também, a lembrança das aprendizagens ritterianas, que inspiravam, sem dúvida, muitas de suas idéias geográficas. Como quando se recorda 'quão potente tem sido a influência favorável do meio geográfico sobre o progresso das nações européias' e escreve que sua superioridade não é em virtude da raça: 'são as felizes condições do solo, do clima, da forma e da situação do continente o que tem valido os europeus a honra de chegar aos primeiros conhecimentos da terra em seu conjunto e de haver permanecido muito tempo na cabeça da humanidade' (CAPEL, 1981, p. 303, tradução nossa).

Capel (1981) é incisivo ao afirmar que a obra *Nova Geografia Universal* está repleta de afirmações deterministas claramente de raízes ritterianas, como acima citadas. Outro aspecto presente em Reclus, indicado por Capel, é a idéia de harmonia presente entre os românticos com aproximações rousseauianas e a busca obsessiva por leis naturais mescladas com as noções anarquistas de harmonia e fraternidade universal e com o impacto da ecologia darwinista (p.303).

<sup>11</sup> Na obra *Élisée Reclus* (São Paulo, Editora Ática, 1985), Manuel Correia de Andrade reproduz o trecho citado: Reclus, É. *Préface: l'homme est la nature prenant conscience d'elle-même*, do livro *L'homme et la terre*, Paris: Universelle, s.d., p. i-iv, com tradução de Maria Cecília França.

<sup>12</sup> Excerto da obra de Manuel Correia de Andrade, que reproduz o texto: Reclus, É. *Préface: l'homme est la nature prenant conscience d'elle-même*, do livro *L'homme et la terre*, Paris: Universelle, s.d., p. i-iv.

A apreciação de exemplos da natureza para provar a factibilidade de uma sociedade anarquista fez incluir a luta de classes no debate que funda a Geografia Social, porém sem muitos avanços. Sobre isso, Capel afirma que o trabalho de Vidal de La Blache estancou essa perspectiva reclusiana:

Mas a geografia francesa não seguiu o caminho do compromisso social que marcava a obra de Reclus, mas o convencional e acadêmico marcado pela obra de Vidal de La Blache. Alguns têm considerado que quando este definiu a geografia como a ciência dos lugares e não dos homens, a possibilidade de desenvolver essa geografia social que Reclus ensaiou, terminou sem possibilidades de continuação imediata. (CAPEL, 1981, p.305, tradução nossa).

Em número comemorativo dedicado a Reclus, a revista *Hérodote* inclui artigo de Béatrice Giblin com posicionamento um pouco diferente sobre a contribuição Reclusiana:

Contudo, o tamanho colossal de sua obra servirá como argumentos de alguns para desacreditá-lo, deixando compreender que Reclus permitiu-se preencher as páginas com descrições de paisagens rapidamente superadas pelos trabalhos 'científicos' dos geógrafos universitários. Vidal escreveu, assim, em 1908, a Jean Brunhes: 'Você sabe quanto a 'Geographie Universelle' de Élisée Reclus parou de corresponder ao status de ciência'. Na verdade, o esquecimento sobre Reclus repousa sobre razões muito mais sérias e importantes decorrentes da influência que suas idéias tiveram na geografia universitária, da qual Vidal de La Blache foi fundador, o que Yves Lacoste demonstrou claramente em seu artigo 'Abaixo Vidal? Viva Vidal' (Lacoste, 1979). (GIBLIN, 2005, tradução nossa).

O esquecimento sobre Reclus é, então, um fato produzido ideologicamente por geógrafos franceses que o sucederam. Esse tipo de disputa pelo espólio intelectual é muito comum e não devemos deixar de acreditar que muito da obra Reclusiana perdeu seu potencial científico explicativo. Sua contribuição epistemológica e metodológica é enorme até um momento na história do pensamento geográfico em que se colocam outras questões e necessidades para a Geografia. Não rouba, entretanto, o mérito científico e, como muitos notam, para o bem e para o mal, sua coerência militante de ponta a ponta em sua vida, sem jamais ter se afastado de seus propósitos políticos. Justamente por essa razão também é comum que diminuam sua participação na construção do pensamento da escola francesa de Geografia.

Na citação que Giblin faz de Reclus, podemos extrair mais um pouco de sua compreensão da Geografia e de método:

Observar a Terra é, para mi, estudá-la: o único estudo verdadeiramente sério que eu faço é o da geografia e eu creio que é muito melhor estudar a natureza por ela mesma do que imaginá-la de um gabinete [...] para conhecer é necessário observar. Eu li muitas frases sobre os mares tropicais, mas eu só os compreendi quando vi, com meus próprios olhos, as suas ilhas verdes emaranhadas de algas em suas camadas de luminosidade fosforescente. Eis porque eu desejo ver os vulcões da América do Sul. [*Correspondance*, t. II, p. 109]. (GIBLIN, 2005, tradução nossa).

Ver a Terra, é o meu estudo; o estudo só é verdadeiramente grave que eu faço é a de geografia e eu acho que é muito melhor para estudar a natureza para ela do que imaginar a profundidade do seu escritório para saber ... você tem que ver. Eu tinha lido muitas frases Tropics do mar, mas eu não tenho entendido que eu não vi em primeira mão suas ilhas verdes e raias das algas e folhas grandes de luz fosforescente. É por isso que eu quero ver os vulcões da América do Sul

Nesse quadro de pensamento não podemos diminuir a obra de Reclus sem relevar o fato de que seu propósito de pesquisa era tanto inspirado por Humboldt quanto por Ritter. A crítica ao geógrafo de gabinete é clara e deve ser uma crítica a muitos pesquisadores de sua época que falavam de coisas que sequer pensavam verificar. Não era fácil escapar do determinismo, mas esse termo pejorativo para os pesquisadores daquele momento é uma redução cruel e confortável que impede uma compreensão dos problemas colocados e das possibilidades explicativas ao alcance desses primeiros geógrafos. Um pouco mais do determinismo geográfico que reputam a Ritter, Humboldt e Ratzel pode ser notado na frase extraída por Giblin:

O homem, este 'ser racional' que ama tanto se gabar de seu livre arbítrio, não pode, no entanto, se colocar interdependente dos climas e das condições físicas da região que ele habita. Nossa liberdade, na nossa relação com a Terra; consiste em reconhecer suas leis para aí conformar nossa existência. Qualquer que seja a relativa facilidade de atitude que conquistamos com nossa inteligência e nossa vontade própria, não nos tornamos menos produtos do planeta: aprisionados à superfície como imperceptíveis animáculos [animais microscópicos ou protozoários], nós somos levados por todos os seus movimentos e dependemos de todas suas leis ( A terra, t. II, p. 662). (GIBLIN, 2005, p. 6, tradução nossa).

Segundo Giblin, esta citação de Reclus seria facilmente encontrada no pensamento ecologista de hoje. Ela o considera um ecologista precursor do desenvolvimento sustentável "[...] pois ele não sonhava com uma natureza absolutamente virgem, preservada de toda a ação humana, para ele, o homem pode agir beneficentemente se seguir as leis impostas pela natureza" (GIBLIN, 2005, tradução nossa). Essa autora reafirma que o pensamento de Reclus era preciso ao defender que o homem poderia agir integrado com os ecossistemas, não como um elemento patológico. Giblin pondera ter ele sido circunspeto, mas não contrário aos grandes projetos, citando uma frase sua que corresponde a essa consideração: "Está para os homens o papel de completar a obra da natureza imitando, através de seus trabalhos, qualquer dos modos que ela emprega [La Terre, t. II, p. 261]" (GIBLIN, 2005, tradução nossa).

Um acordo entre a perspectiva de Capel (1981) e de Giblin (2005) pode ser encontrado na classificação de que tenha ele sido determinista ao inserir uma frase que afirma que o clima temperado seria o ideal para o desenvolvimento humano.

Giblin destaca uma contribuição de Reclus como geógrafo por sua perspectiva geopolítica e econômica. Em muitas das suas criticadas descrições de vilas e países, Reclus terminava os capítulos com um resumo da situação social e econômica dos estados pesquisados. E ele adicionava: "É isso que nós reconhecemos como ser um 'bom' geógrafo, porque estava preocupado como deveria ser com as condições de vida, econômicas, sociais, culturais e políticas das populações, ele não poderia deixar de falar disso" (GIBLIN, 2005, p. 9, tradução nossa).

Sua noção de progresso era refinada e anunciava como deveria ocorrer para superar sua contradição interna. O progresso precisava ser capaz de adaptar novos problemas e conjugá-los, considerando, também, seus aspectos negativos. Giblin re-

tira a seguinte assertiva que permite verificar a projeção crítica do que o progresso deveria considerar:

Apassionado pelos progressos que realizam a ciência e técnica, ele é também bastante consciente de suas conseqüências negativas, tanto para os conjuntos naturais quanto para as sociedades. O progresso é, para Reclus, um fenômeno contraditório por essência. Aos progressos, ele opõe os 'retrocessos': "O fato geral é que toda modificação, quão importante ela seja, realiza-se pela junção ao progresso de retrocessos correspondentes". [*H&T*, t. VI, p 531]. (GIBLIN, 2005, p. 10)

Giblin diz que o pensamento geopolítico de Reclus é formado por idéias aguçadas, pertinentes e numerosas, muitas delas censuradas. Por dificuldade de publicar suas cartas representativas, várias delas deixaram de ser editadas. Giblin informa que ele já percebia o fenômeno que hoje chamamos de globalização em suas múltiplas conseqüências:

O teatro se amplia, pois agora abraça o conjunto das terras e mares, mas as forças em combate no interior de cada Estado são igualmente aquelas que se combatem em toda a Terra. Em cada país, o capital procura dominar os trabalhadores, mesmo no grande mercado mundial; o capital, crescido desmesuradamente, despreocupado com todas as fronteiras antigas, tenta operar em seu favor aproveitando a massa de produtores e assegurando todos os consumidores do globo, selvagens e bárbaros tão bem como aos civilizados. [*H&T*, t. V, p. 287]. (GIBLIN, 2005, tradução nossa).

Esse raciocínio é uma análise não de clarividência Reclusiana, mas de sua postura geopolítica em bases científicas. Sua visita a vários países e o pensamento guiado para uma sociedade liberta permitia coletar, nas diferentes sociedades, as próprias limitações e as limitações de seus gestores. A ação do capital no espaço, embora não como atualmente, já estava se manifestando sem se ater a limites politicamente criados. O capital não tem pátria, mas donos que buscam sua ampliação. A análise feita por Reclus não para nesse aspecto. Giblin inclui uma avaliação dos efeitos produzidos por essa dinâmica do capital:

As indústrias de todos os países, envolvidas cada vez mais na luta pela concorrência vital, querem produzir a preço baixo comprando a preços mais baixos a matéria-prima e os braços que a transformarão [...] Não é necessário que os emigrantes chineses encontrem lugar nas indústrias da Europa e da América para que eles façam baixar as remunerações dos operários brancos: é suficiente que indústrias similares à da Europa, essas de lã e de algodão, por exemplo, sejam criadas em todo o Extremo Oriente, e que os produtos chineses ou japoneses sejam vendidos, na Europa mesma, a melhor preço que os produtos locais. A concorrência pode ocorrer de país para país através dos mares, e ela já não é feita por alguns produtos em detrimento da Europa? Do ponto de vista econômico, a aproximação definitiva entre grupos de nações é, portanto, um feito de importância capital [*H&T*, t. VI, p. 12]. (GIBLIN, 2005, p. 10).

Com essas inclusões, recomendamos não fazer juízos apressados e a-críticos de que o positivismo, o determinismo ou o evolucionismo estejam presentes nesse autor, já que são simplificações desnecessárias.

Sobre o pensamento positivo de Reclus, voltamos a Codello (2007): "Dessas premissas nasce também o seu interesse maduro pela educação, que se desenvolve da análise científica das civilizações ao coração daqueles em que essa desempenha um papel decerto importante" (p.202). Para o autor, esse interesse de Reclus tem, como pontos de partida, a "trágica" experiência da Comuna de Paris e os efeitos malogrados de sua "adesão" à Internacional Socialista.

A Geografia de Reclus, como a de Ritter e Humboldt, buscava leis naturais sobre a harmonia da natureza e da história do homem. No entanto, essa busca de leis não foi nunca dogmática em relação à imutabilidade das condições sociais<sup>13</sup>, já que o papel revolucionário da educação por ele elaborada antepunha-se a uma fatalidade de leis sociais interpretadas como "imutáveis" da natureza. Num documento produzido em 1882 durante a Internacional, ocorrida em Lausanne, ele escreve:

Enquanto a sociedade for dividida em classes, operários e patrões, a instrução integral não será nada mais que uma ilusão [...] . Élisée Reclus demonstrou que na sociedade atual, onde reina a autoridade, o capitalismo e a desapropriação, não podemos ter a verdadeira educação. É apenas em uma sociedade livre, embasada na solidariedade e na igualdade econômica com a liberdade individual, a mais completa, que se pode obter alguns resultados verdadeiros da instrução integral [...] (RECLUS apud CODELLO, 2007, p.202)

Depreendemos, disso, uma aparente contradição. Afinal, educação e ciência positiva dificilmente seriam capazes de oferecer elementos tão neutros que municiassem a educação revolucionária em detrimento da acomodação, ou pior, do colaboracionismo. Só se transportando ao tipo de escola existente na virada do século XIX para o XX é que a neutralidade científica torna-se um elemento importante. Sem essa compreensão, cai-se facilmente num reducionismo que não faz jus à teoria e ao propósito político dos anarquistas.

A ponderação seguinte explicita isso com maior propriedade:

Toda a matéria-prima dos trabalhos científicos de Reclus é constituída por sua experiência pessoal e pela observação dos acontecimentos. Ele realiza suas considerações sempre por indução, privilegiando a multiplicidade dos vários pontos de vista e a interação entre eles. Tudo está ligado, não é possível dividir a história da humanidade em partes, mas sim considerar o todo, segundo uma abordagem global. (CODELLO, 2007, p. 202).

As inferências selecionadas por Codello do pensamento sobre a educação de Reclus são pontuadas pela *visão positiva*. A educação teria o potencial de melhorar a compreensão do homem em sua dimensão social, moral, de sua saúde, materialmente e com sua instrução, significando essas coisas, naturalmente, progressos que desembocariam numa libertação política.

<sup>13</sup> Em Humboldt ou em Ritter a capacidade técnica e de superação ou aproveitamento dos limites impostos pela natureza nunca foram desconsiderados. Maiores detalhes sobre essa afirmação podem ser localizados na primeira parte do texto de Capel (1981) aqui referenciado.

A aposta no progresso se reflete em outras esperanças da sociedade moderna:

A sociedade é de alguma maneira superior às tribos primitivas naquilo que é promessa de um ideal superior que reside na potencialidade do próprio ideal que compreende em si. Esse ideal cosmopolita é o principal inimigo do nacionalismo, que representa um retrocesso da história, que é particularmente contestado pelos acontecimentos representados pelas comunicações e grandes relações entre homens diversos entre si. De modo particular, existe uma comunidade do progresso científico, segundo Reclus, que ultrapassa as simples fronteiras políticas. (CODELLO, 2007, p. 203).

Essa perspectiva do progresso só pode ser embalada pela educação que será capaz de fortalecer o ideal de solidariedade entre as nações e sociedades, eliminando a divisão que há nos mundos. A educação teria o papel de despertar consciências para a realização desse ideal, do mesmo modo que, como acentua Codello (2007), na visão de Reclus: “[...] o conhecimento contém em si a ação. Compreender, em suma, quer dizer aprender a fazer agir. Todos os ideais fortemente desejados, aspirados, realizam-se” (p. 204).

Não devemos diminuir a força desse pensamento, tampouco, sem críticas extrair da instrução essa possibilidade, mas a história da educação e da ciência criou ardis capazes de eliminar o potencial esclarecedor que a razão iluminista concedeu a um positivismo de esquerda e aos defensores ingênuos da neutralidade científica.

Sem condenar Reclus à ingenuidade quanto aos resultados do conhecimento científico ou, em outras palavras, colocando essa mesma noção para pesquisadores em educação atual, lembramos suas próprias palavras:

Naturalmente, verifica-se que quem estuda não se contenta em repetir fórmulas transmitidas pelos professores ou manuais que obrigam a uma abordagem de estudo passiva, mas que se tornem verdadeiros protagonistas de suas pesquisas e da construção de seus conhecimentos. Um estudante digno deste nome é um pesquisador que ama a ciência por si própria, não em função da obtenção de um diploma ou da superação de um exame: ‘A natureza, essa será o campo de observação, ainda que denso, será capaz de contemplá-la, é essa que se deve interrogar, investigar diretamente, sem procurar observá-la, mais ou menos interpretada, por meio das descrições dos livros ou pelas pinturas dos artistas.’ (RECLUS apud CODELLO, 2007, p. 204).

Professor pesquisador, estudante pesquisador, observadores intérpretes da natureza e investigadores. Nada desse receituário pode ser interpretado como retrógrado. É comum encontrar pesquisadores da educação no início do século XXI defendendo idéias similares, porém, sem as finalidades almejadas pelo “positivismo” Reclusiano.

O princípio do geoambientalismo é similar ao cosmos dos gregos e da obra de Humboldt. A harmonia do universo só poderia ocorrer se, no lugar do caos, houvesse ordem e, para haver ordem, a natureza deve seguir leis. Para compreender e utilizar as leis deve existir método capaz de agregar o máximo de elementos explicativos da realidade. Sobre isso, Codello registra a seguinte citação de Reclus:

Um bom método exige que dentro deste infinito é necessário conhecer profundamente – com uma precisão, com uma nitidez – todos os pontos que se relacionam com a especia-

lização da qual ele será no mundo o intérprete ouvido com respeito, mas que nas outras ciências possuía esclarecimentos do todo, [...], que não ignora nenhuma das grandes ordens dos fatos, [...] (apud CODELLO, 2007, p. 205).

A ciência, aqui evocada, também tinha o papel de impulsionar a bondade e estimular o amor no sentido do bem público pela felicidade obtida de seus resultados de ampliar a solidariedade. O propósito da ciência era libertário, mas o método seguia orientações do positivismo: "Ela [a ciência] nos assegura a comunhão do método, a vontade certa de tirar as conclusões somente depois de ter realizado a observação direta e ter vivido a experiência, e, ao mesmo tempo, recusar minuciosamente todas as idéias preconcebidas, puramente tradicionais ou místicas" (CODELLO, 2007, p.206). Nessa assertiva, há um pouco de Francis Bacon, de Descartes e de Comte, sem excluir o kantismo e os filósofos empíricos.

Com esses parâmetros devemos localizar o que se chama *positivismo* de Reclus, na sua construção por uma educação libertária. É melhor em suas próprias palavras [ao do doutrinamento feito nas escolas]:

Depois do alfabeto absurdo que a faz pronunciar as palavras de modo diferente de quando são lidas e habituá-las tão precocemente a todas as tolices que lhe serão ensinadas, vêm as regras de gramática declamadas de cor, depois, as inexatas nomenclaturas que se chamam geografia, depois a narração dos delitos dos reis que se chama história. (RECLUS apud CODELLO, 2007, p. 208)<sup>14</sup>.

A crítica à escola doutrinária está no propósito de Reclus, ou seja, também contra o ensino que não instrui<sup>15</sup>. Esse entendimento é uma crítica à educação triste que aprofunda os preconceitos nos jovens e controla seus ânimos, colocando-os na ignorância e se tornando dona deles. Concomitantemente, freia o progresso, mantendo a ordem vigente que tem o poder de impedir a mudança e questionar a autoridade. Em outras palavras, essa é a escola do embotamento que, entre os vários instrumentos utilizados, estão para Reclus os manuais escolares que: "[...] não possuem outro objetivo além de formar as crianças para uma certa moralidade fundamentada na obediência e no respeito à autoridade" (CODELLO, 2007, p.212).

Este autor apresenta os elementos do propósito da educação pensada por Reclus que consiste em ajudar o "pequenininho" a desenvolver-se conforme a lógica de sua natureza e seu tempo de aprendizagem. Cuidar com paixão das crianças, dedicando-se ao aprendizado de coisas concretas e vivenciadas. Porém,

Reclus oscila sempre entre uma convicção dupla que procura unir de qualquer maneira: de um lado, a convicção de que é possível realizar uma mudança escolar realmente nova sem passar por uma profunda mudança social; de outro, o interesse direto em por em prática imediatamente alguns métodos didáticos e pedagógicos que estejam em contraposição àqueles oficiais. (CODELLO, 2007, p. 213).

<sup>14</sup> Citação que Codello faz de Reclus a partir do texto "L'avenir des enfants", Lille, 1885. Codello retira a citação de Reclus, É. *L'avvenire dei nostri fanciulli*, inserto na obra *L'Università popolare*, a. IX, n. 1, Milão, 1-15 de janeiro de 1909, p. 23.

<sup>15</sup> Em outras partes do trabalho de Codello (2007), há análises sobre a diferença de educar, ensinar e instruir que são esclarecedoras dos propósitos gerais dos anarquistas para a sociedade. (Cf., por exemplo, p. 253).



Essa dupla convicção foi desenvolvida em vertentes distintas por outros anarquistas como Bakunin e Illich (GALLO, 1995, p.178)<sup>16</sup>. Mesmo a revolução socialista russa e outras revoluções que colocaram o socialismo em vigência não foram capazes de conduzir uma educação libertária para todos. O que concretamente ocorreu foram algumas experiências de escolas anarquistas pelo mundo. Assim, não se optou por realizar a mudança anarquista da educação na escola oficial, nem se esperou (ou se superou) uma revolução social. Os anarquistas criaram suas próprias escolas<sup>17</sup>.

Outra síntese, colocada por Codello (2007), merece menção sobre os propósitos de Reclus explicitando que "ele condena, particularmente, o elitismo e os métodos seletivos de avaliação, o uso dos manuais escolares, a especialização excessivamente importante dos estudos universitários e o papel autoritário do ensino nas escolas oficiais" (p.213).

A crítica ao elitismo é recorrente e inerente ao anarquismo. Dessa crítica deriva a depreciação da vanguarda socialista, por extensão aos intelectuais orgânicos e a qualquer forma de estabelecimento de poder por eleitos ou delegados do conhecimento.

Dos métodos seletivos de avaliação apreende-se que eles são formas de destacar e de estimular as competições e não de propor a solidariedade e ação cooperativa entre as pessoas. A especialização está, por vezes, associada à fragmentação do indivíduo na sociedade de classes que deve colocar o máximo de esforço mental e braçal para otimizar a expropriação de suas [do indivíduo] habilidades.

Ao adjetivar a especialização com a palavra "excessivamente", Reclus não quer colocar a especialização como negativa. Ao contrário, ele apoia o desenvolvimento de habilidades, tendências e facilidades que o indivíduo possui, e não poderia ser de outro modo. A questão da autonomia do indivíduo, da autogestão e da ação direta só ocorre com aqueles que são senhores de suas especificidades e as partilham espontaneamente, alicerçados num propósito comum do ideal de uma sociedade solidária.

Nisso se inscreve a proposta de Reclus diante da defesa da educação dos indivíduos como âmbito do progresso da humanidade. Um exemplo prático desse ideal é a criação dos cursos de *Extension Universitaire* "[...] dedicados ao grande público e onde o auditório não será constituído nem por bacharéis nem por doutores" (CODELLO, 2007, p.215). Sobre isso, afirma ainda Codello (2007), que "seu conceito [de Reclus] de educação e de instrução é extremamente amplo, tanto que considera a realidade escolar como significativa, somente enquanto emerge completamente no contexto ambiental e cultural da sociedade" (p.215). Essa posição fica explicitada na interpretação que Codello faz de Reclus:

[...] a instrução é adquirida principalmente fora da escola, na rua, na oficina, diante das barracas da feira, no teatro, nos vagões de trem, nos barcos a vapor, diante das novas paisagens, nas cidades estrangeiras [...] A contemplação da natureza e das obras humanas, a vida prática, são es-

<sup>16</sup> Gallo elabora essa discussão em duas obras do mesmo ano de publicação (1995a e 1995b). A referência nesta nota é da publicação de sua dissertação de mestrado "Pedagogia do risco". Uma avaliação mais elaborada sobre Bakunin se encontra na obra "Educação anarquista". Como essas duas edições estão esgotadas, é possível encontrar as mesmas apreciações em "Anarquismo: uma introdução filosófica e política". Essas três obras auxiliam os pesquisadores interessados no tema.

<sup>17</sup> Segundo Rodrigues (1992), entre 1895 a 1920, foram criadas mais de 40 escolas, centros de estudos e uma Universidade Popular no Brasil. Isso denota a concomitância dos empreendimentos como os dos anarquistas na Europa.

ses, portanto, os companheiros com os quais se forma a verdadeira educação da sociedade contemporânea. Ainda que as escolas tenham concluído propriamente, mesmo essas, a sua evolução, no sentido da verdadeira instrução, elas também possuem uma importância relativa muito inferior àquela da vida social que nos circunda. (CODELLO, 2007, p, 215).

A continuação dessa citação não deixa dúvidas do primor que dedica Reclus à dinâmica social na instrução do indivíduo. A relativização da instituição escolar faz parte de um projeto político que coloca em descrença a essencialidade da escola. Mas Reclus pondera:

Certamente, o ideal dos anarquistas não é de eliminar a escola, mas melhorá-la, fazer da própria sociedade um imenso organismo de ensino mútuo, no qual todos sejam, juntos, estudantes e professores. [...] Mas, com ou sem escola, qualquer grande conquista da ciência termina por entrar no domínio público. (CODELLO, 2007, p.215).

O conceito de totalidade vem do entendimento das comunidades primitivas, onde não há limites entre trabalho, devoção, diversão, instrução, produção e amor. Podemos suspeitar que Reclus via essa riqueza em igual importância com a escola formal. A postura diante de seus estudantes é definida como não catedrática, paritária, participativa e dialógica: "em suma, sua experiência como professor fascina-o e gratifica-o sobretudo quando se ouve dizer que ele é um 'professor que não é um professor'" (CODELLO, 2007, p.216). E resume Codello:

O seu ideal de escola, imersa no ambiente e não isolada, não identificada como lugar separado e destinado à instrução, mas espaço de síntese da exploração permanente dos conhecimentos por parte dos jovens em pesquisa contínua, deve ser um lugar no qual 'todas as cognições sejam ministradas a todos e ensinadas por todos, na máxima liberdade, sem restrições ou limites impostos pela idade, pela profissão, pela riqueza ou pela falta de certificados e outros papéis inúteis'. (RECLUS apud CODELLO, 2007, p.216).

Sua propositura para o ensino de Geografia é similar a algumas proposituras desenvolvidas pelos que se consideram a vanguarda do pensamento geográfico pedagógico atual. Além de defender a frequência livre e a eliminação dos exames e diplomas, Codello (2007) soma os seguintes aspectos:

O instituto organiza numerosas excursões, a fim de colocar os estudantes em contato direto com o objeto da aprendizagem. Aos estudantes é solicitado que, além do trabalho da realização dos estudos, produzam cartas geográficas e publicações em um trabalho comum e solidário, de modo que o estudante, realizando essas atividades na prática, torne-se também um bom operador prático, desenvolvendo, deste modo, os princípios da educação integral. (p.217).

## A CRÍTICA À POLÍTICA ESCOLAR REPUBLICANA

A crítica ao ensino realizado no período da terceira república francesa, feita por Reclus, antecipa a teoria da reprodução social em pesquisa educacional<sup>18</sup>. Ele verifica, desse modo, como a formação oferecida pela escola é passível de ser induzida pelas vontades do poder constituído.

Codello (2007) avalia a suposição de mudança social de Reclus que considera isso como um processo sucessivo de estímulos e revoluções, de avanços e retrocessos, portanto, uma evolução não linear e complexa. Desse princípio é possível deduzir que o gradualismo se baliza na compreensão de Reclus, ao eliminar a "idéia místico-apocalíptica da mudança radical". Acreditamos que o referido gradualismo tenha suas bases no evolucionismo darwinista que, por sua vez, não contém a ruptura e a revolução, mas processos paulatinos e complexos.

A mudança não é um evento explosivo nem é realizada por gritos da multidão e pelo fracasso das armas. Com essas palavras, Codello (2007, p.218) sopesa que a posição de Reclus sobre a mudança depende de trabalho árduo e contínuo. Mesmo denotando que em períodos revolucionários ocorra uma aceleração, no caso do processo evolutivo, o que vigora é o espírito de preparação. Essa avaliação tem sua raiz na experiência da Comuna de Paris, oportunidade que ficou evidenciado o papel do povo na vitória das forças conservadoras.

Para evitar essa tendência, a educação libertária constituir-se-ia num caminho para fortalecer a auto-organização e favorecer a verdadeira mudança. Entendia-se que uma sociedade livre só podia ser constituída por homens livres. Nesse empecilho é que ele explica a função da escola para a terceira república francesa:

[...] afirma ele que ela se apropriou da escola para fazê-la uma instituição da república, que veicula alguns ideais e uma moral que são as suas e que a defendem, tanto daquele antigo regime, quanto em relação às possíveis novidades radicais. (CODELLO, 2007, p.218).

Para ele [Reclus], a instrução da terceira República equivale a uma escola política, um novo catecismo. Essa escola não abarca a todos e ainda cria a instrução profissional por complacência sustentada pelo Estado. Nessa conjuntura é que Codello faz uma colocação que nos permite dizer que Reclus precisou o que se denomina atualmente como educação reprodutivista e antecipou o conceito de violência simbólica<sup>19</sup> elaborada por Bourdieu:

Ele também coloca em evidência como existe uma diferenciação de classe nas próprias instituições escolares: escolas específicas para as crianças das famílias privilegiadas que as formam para tornarem-se a futura classe dirigente, e as escolas para os mais pobres sem nenhum prestígio e com mau funcionamento: 'De um lado, o colégio dos jovens ricos: [...] todos com um futuro bem programado, todos que

<sup>18</sup> A crítica à escola que reproduz as relações de poder contidas na sociedade capitalista era uma tese bastante divulgada entre os anarco-sindicalistas do início do século XX no Brasil. O exemplo mais bem acabado dessa crítica pode ser encontrado em José Oiticica (1882-1957) (2006, p. 53). Esse autor, antagonista de Rui Barbosa e apagado da história da educação brasileira, não deve continuar a ser esquecido.

<sup>19</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1989, cap. I.

serão mestres; de outro lado, as escolas das crianças pobres, a criança que saindo de lá, aos 12 anos, entrará como aprendiz em uma fábrica; em vez de desenvolver-se, se enfraquecerá'. (RECLUS apud CODELLO, 2007, p. 219).

Não há dúvidas, para Reclus, do papel da educação como propaganda favorável aos valores da terceira república, substituindo o catecismo religioso pelo republicano e pela formação de uma identidade pátria, do trabalho, da obediência, da fraternidade, do respeito pelas leis. Enfim, a educação cívica e fraternal, entendida por ele como servilismo e submissão ao Estado.

Contra essa violência, ele percebe o potencial de insurgência dos trabalhadores e a rebelião popular, que se legitimará por uma reação não comportada. Codello (2007) cita Reclus para identificar sua posição antevista do movimento que se aproximava: "[...] o oprimido possui o direito de resistir com todos os meios à opressão, e a defesa armada de um direito não é violência" (p.221). Esse direito à rebelião armada é a consciência de que o Estado e a classe dominante não estariam afeitos a ceder qualquer espaço para a liberdade que não fosse conquistado com luta.

Eis o papel da educação libertária, que vai assumir para seus defensores uma posição privilegiada que não ocorreu com os socialistas autoritários, ou apenas circunscrita às retóricas revolucionárias, mas sem qualquer ação prática.

## **O MODELO EDUCATIVO E *L'HOMME ET LA TERRE***

Nessa parte da obra, Codello (2007) realiza o aprofundamento das teses pedagógicas de Reclus. Algumas das colocações anteriores serão explicitadas para a educação geral, mas situadas no processo de ensino-aprendizagem da Geografia.

A aprendizagem ao ar livre, reconhecida em Pestalozzi, é também defendida por Reclus: "Porque é somente ao ar livre que nos aproximamos da planta, do animal, do trabalhador, e aprendemos a observá-los, a ter uma idéia precisa e coerente do mundo exterior" (CODELLO, 2007, p. 222).

No comprometimento geral com a educação, a escola libertária deve ser mista. O contrário a isso é absolutamente errado por causar uma hostilidade forçada entre homens e mulheres. Além disso, "As diferenças culturais são impostas pela família e pela sociedade; são de origem ideológica e particularmente destacadas pela Igreja" (CODELLO, 2007, p. 222). Aproximar os sexos e as culturas é, assim, uma forma de eliminar prejulgamentos, nos termos atuais, uma ideologia positiva, contrastando com a ideologia no sentido pejorativo.

A formação para um trabalho colaborativo e pró-ativo são os dois pilares contra o aprendizado mecânico e passivo, execrando o exame como inútil, pondo em seu lugar o exame sincero sobre o próprio pensamento, conhecido hoje como auto-avaliação, e a pesquisa mediada pelo amor à ciência e pelo conhecimento.

Esse aprendizado colaborativo consiste em favorecer a associação dos indivíduos para unir suas energias e as forças na produção de um conhecimento solidário e mútuo construído na condição de que as obras sejam mais valorizadas do que os diplomas.

Para Codello (2007), as afirmações de Reclus são absolutamente modernas porque, ao repudiar os títulos e valorizar habilidades, as coisas são feitas como provas de aprendizado (p. 223). Essa visão moderna está presente na pedagogia do

projeto e de outras atividades escolares que não se encerram em um documento de valor legal, contudo, sem substância nem compromisso com o desenvolvimento solidário para toda sociedade, pela razão de que "esses aspectos são indispensáveis para evitar a formação de uma classe de doutos, que, apelando para os conhecimentos, possam dominar com novos e mais refinados instrumentos de poder a grande massa de excluídos do conhecimento e da ciência" (p. 224).

A socialização do conhecimento é pedra fundamental para Reclus, mas abrange algo que é desconhecido no pensamento geográfico do Brasil que consiste na dimensão estética na educação. Na íntegra, ele afirma:

A parte da educação que deve atingir as grandes transformações estéticas é ainda mais delicada que a educação científica, porque esta é menos direta, e a elaboração totalmente pessoal é infinitamente mais precisa. A impressão da beleza precede o sentido de classificação e de ordem: a arte vem antes da ciência. A criança fica muito feliz em ter em suas mãos um objeto luminoso, de cor vivaz, com som nítido; alegra-se deliciosamente com a música e com nuanças e sons, e somente mais tarde procura conhecer o como e o porquê de seu brinquedo: examina-o e manipula-o amplamente antes de desmontá-lo para dar-se conta dele [...]. Dessa forma, passa da arte para a ciência, então, quando são compreendidas as coisas que nos circundam, quando a ciência tiver explicado tudo, retornamos à arte para admirar ainda, e, se possível, trazer o prazer para a nossa vida. (RECLUS apud CODELLO, 2007, p. 224).

A ênfase à arte está, aqui, bem definida em seu objetivo e na responsabilidade do professor. Essa citação é provocativa, ainda para a atividade escolar atual<sup>20</sup>. Instigamos Codello a compreender quão ampla é essa educação libertária na sua configuração mais ofensiva às formas de domínio que mantém o regime de desigualdades. Sem desmerecê-las, Codello (2007) não vê originalidade nas idéias de Reclus no que concerne à instrução e afirma isso da seguinte forma:

A posição de Reclus não é muito original em relação a esses temas; demonstra-se favorável ao desenvolvimento harmônico e integral de todas as faculdades individuais, e é por isso que insiste fortemente na necessidade de uma formação física e naturalista. (p. 225)

Essa declaração não é pejorativa em relação ao que tratou Reclus, apenas limita um valor para a educação que deve buscar uma pedagogia antiautoritária e, por isso, deve estar seguramente comprometida com uma finalidade coletiva. Essa conduta só pode ser obtida se a criança aprender a tornar-se ela mesma. E aí caberia o desenvolvimento de processos autoformativos, efetivados pela condição igualitária

<sup>20</sup> Mühl (1997, p. 121), na obra em que avalia os propósitos educacionais de Habermas, traz discussões sobre a crítica que faz a Nietzsche e a Foucault como filósofos que desconfiam da razão como instrumento do saber. A Nietzsche reputam e apreciam, os especialistas, sua descrença sobre a razão e, no lugar disso, os resultados mais satisfatórios das artes. Esse adendo interessa-nos por julgarmos que a indicação de Reclus o faz um moderno pós-moderno (se isso for possível), mas reforça o fato de que ele poderia ser considerado facilmente um geógrafo positivista e determinista. Como pedagogo, é de mais difícil classificação. Ainda numa vertente que valorizava a arte, José Oiticica é um dos que fala contra a indústria cinematográfica capitalista em 1925 (Ou será contra a indústria cultural dos frankfurtianos?) e sugere outro lugar para a arte na sociedade anarquista (Cf. 2006, p. 116).

entre docente e discente, entre mestre e aluno. Isso foi explicado por meio das seguintes palavras: "não é necessário forçar o discente a acumular conhecimentos, ele deve fazer a experiência direta por si, educar os seus sentidos antes de educar o espírito" (CODELLO, 2007, p. 226).

Essa demonstração insistente para recorrer aos sentidos e à observação da natureza e a uma experiência pode dar a impressão de um empirismo sem medida, colado na realidade, sem qualquer intermediação com a razão, mas há uma reparação feita por Codello (2007) que apresenta isso de maneira mais precisa: "juntamente com isso se segue paralelamente a capacidade pessoal de refletir sobre o que acontece, sobre os fenômenos naturais, sobre a própria experiência direta" (p. 226). Não deixa de ser essa afirmação um traço da influência kantiana entre os geógrafos modernos<sup>21</sup>. Reclus parte do princípio de que o indivíduo já possui o potencial para o desenvolvimento de suas qualidades e que esse desenvolvimento ocorre de forma naturalmente gradual, de acordo com o ritmo, originalidade e específico de cada pessoa. Esse arranjo é bem explicitado por Codello (2007) e pode ser investigado por nós sobre o desafio que Reclus coloca contra a instrução pública que impõe uma progressão comum para todos. A instrução pública, neste caso, erra em dois sentidos: no de forçar o avanço e no de impor desacelerações. Nesse modelo não caberia ao professor promover descoberta contínua e estimular que cada um extraia de si suas predisposições.

Nesse ponto, a instrução de Reclus se assemelha ao mito da reminiscência de Platão, aceitando o empirismo reflexivo de Aristóteles, já que não abre mão da experiência, repudiando Rousseau em sua analogia à lousa em branco que é a mente da criança que deve ser preenchida de significados. Essas teses que inspiram os educadores através dos tempos sob o manto da ideologia liberal, em Reclus têm outro direcionamento social: o libertarismo.

Para Reclus,

"a escola verdadeiramente liberada da antiga servidão só pode ter franco desenvolvimento na natureza. O que nos dias atuais é considerado, nas escolas, como festas excepcionais, passeios, excursões nos campos e nas florestas, nas margens dos rios e nas praias deveria ser a regra. Porque é apenas ao ar livre que se pode conhecer a planta, o animal, o trabalhador e é onde aprendemos a observar, a fazer uma ideia precisa e coerente do mundo exterior" (p. 444-446).

Codello (2007) avalia que Reclus defendia, também, a proposta de que somente um professor entusiasmado teria condição de entusiasmar o estudante. A efetivação dessa atitude só pode ser atingida se o professor elimina o dogmatismo científico de suas práticas e complementa: "para realizar tal feito é indispensável que o educador coloque à disposição de todos os alunos alguns instrumentos didáticos que pressuponham a sua intervenção ativa e criativa e, dessa forma, a sua escolha deve ser ponderada a fim de suscitar neles a capacidade própria de observação" (p. 227).

<sup>21</sup> Hartshorne (1958) elaborou um texto que busca esclarecer a influência do pensamento de Kant em Humboldt. Sua conclusão é que não houve uma influência direta. Podemos apreender, desse texto, que os entendimentos de Kant não eram uma exclusividade sua, mas um pensamento que estava sendo desenvolvido por vários teóricos. Não será inadequado aproximar o método de Humboldt a Kant, embora isso não possa ser feito sem considerar o texto de 1958 de Hartshorne. Outro texto sobre a influência de Kant na Geografia é o texto de John May, "Kant's concept of Geography and its relations to recent geographical thought" (O conceito de Geografia em Kant e suas relações com o pensamento geográfico atual) (Toronto, 1970), sem tradução para o português.

Concatenando as reflexões de Reclus, Codello (2007) mostra uma ambiciosa e contestatória instrução fiel ao desenvolvimento verdadeiro. Segundo esse autor, ele também se opõe a Rousseau sobre a educação individual, pois está ausente a alteridade e escreve sobre isso que “[...] uma vez que todo ser humano enriquece-se pela diversidade alheia, a sua personalidade desenvolve-se por meio da imitação e da diferenciação com os outros” (p. 228).

São esses os aspectos mais explicitados sobre pedagogia e geografia de Reclus que leva Codello (2007) a defini-lo da seguinte forma:

[...] puderam-se constatar os três aspectos da personalidade e da atividade de Reclus, o geógrafo, o anarquista, o pedagogo que são inseparáveis entre si, mesmo que entre essas a maior função seja a segunda. De fato, é exatamente para dar ao seu ideal um fundamento científico que ele se torna geógrafo e depois pedagogo. Os seus últimos anos de vida são em grande parte dedicados exatamente à educação, enquanto ele amadurece cada vez mais a idéia de que sem a perspectiva de formar seres livres e autônomos nenhuma mudança será possível. (p. 228).

Esta leitura de parte da obra de Codello é a melhor apresentação da pedagogia de Reclus em língua portuguesa. Cabe, aos interessados nessa construção, coletar os textos originais e evidenciar, mais uma vez, que nem todos os geógrafos que pensaram em educação estiveram comprometidos ou desatentos aos interesses do Estado.

Serve, também, para compartilhar, sem menosprezar, o feito socialista, teórico e prático, que defendeu uma outra escola para a sociedade. Assim, é preciso reconhecer que os anarquistas, em todas as partes do mundo, estavam atentos aos diversos mecanismos de controle e que, por algum desvio ideológico, foram levados ao esquecimento e, conseqüentemente, foi desprestigiada a precoce e conhecida elaboração teórica por eles feita sobre a importância da educação e da crítica à sua utilidade.

## CONCLUSÕES

Este texto teve, inicialmente, o propósito de divulgar a obra de Codello (2007). A investigação paralela sobre a contribuição de Reclus obrigou-nos a buscar outras referências que deram outro caráter a esse estudo bastante resumido que produzimos. Embora essa constatação seja inevitável para o leitor mais arguto, queremos dar algumas pistas para os pesquisadores por causa dos nossos interesses.

A primeira certeza é que podemos classificar, facilmente, o construto científico de Reclus como positivista, mas a partir da consideração feita por Capel (1981), lembramos que deve ser atenuada. Devemos atenuar em duas vias reflexivas complementares: a) naquele momento histórico não havia outro método mais competente para dar respostas científicas que o positivismo; b) Reclus nunca reduziu os fenômenos humanos às leis naturais e acreditava numa determinação da luta de classes pelo esclarecimento e pela fraternidade. Quis ele, talvez, sugerir um modelo social de reciprocidade que se verificava na natureza. Mesmo que seu pensamento estivesse pautado no evolucionismo, distanciava-se da competição entre as espécies mais adaptadas e fortes. E, na busca de exemplos naturais para explicar uma sociedade solidária, sua militância e vida pessoal são provas da noção que ele tinha do conhecimento, pois ele lutava para que o saber não fosse afastado das sociedades.

A segunda possibilidade de reflexão é sobre sua colaboração para a epistemologia da Geografia, que é avaliada como não fundamentada ou frágil, nos dizeres de Capel (1981). Realmente, extraímos pouco do método de Reclus que não seja ritteriano. Reclus não colocou uma nova questão como a Geografia regional de La Blache ou superou os limites da Geografia geral. Sua colaboração no campo metodológico deve ser posta no seu pensamento de finitude dos recursos naturais e da ação da sociedade sobre a natureza, como nos exemplos do aproveitamento dos esgotos como solução para Londres despoluir o Tâmesa, do mesmo modo como foi bem sucedida em Paris, no rio Sena (ANDRADE, 1985, p. 51). Nesse caso, afastamos de Capel (1981) e nos aproximamos de Codello (2007) e Giblin (2005) no que se refere ao geoambientalismo de Reclus.

Sua precoce inquietação com a questão ambiental pode ser extraída na seguinte afirmação:

Em todos os lugares, os grupos de homens atraídos pelas águas correntes começaram por poluí-las, tornando-as frequentemente impróprias para beber ou, até completamente nocivas à saúde. [...] Mas essa preocupação cresce cada vez mais, e o século XIX não terminará sem que a maioria das grandes cidades tenha sido abundantemente provida da água necessária para suas necessidades de alimentação e limpeza. (ANDRADE, 1985, p. 53).

A terceira posição que assumimos diz respeito ao propósito educacional de Reclus e sua relação com o conhecimento científico. O conceito de uma sociedade sem Estado (concepção dos anarquistas) é uma empreitada teórica e política que não pode ser desmerecida por estudiosos da geopolítica mundial. A presunção ou utopia dos anarquistas é mais levada a sério pelos precursores do toyotismo<sup>22</sup> do que pelos políticos socialistas. Estranhamente, é mais fácil que alguns teóricos aceitem as bases da autonomia do operário numa célula de produção da fábrica Toyota do que para a organização social na mais simples escala das ações humanas.

O "apagamento" da colaboração de Reclus, menos científica do que se deseja e profundamente mais ética do que se busca, em geral, deve ser apreciado para ver como a Geografia institucionalizada de La Blache serviu para a gestão territorial da França e aos seus pretextos expansionistas. La Blache, dito de uma maneira um pouco exagerada, serviu à administração pública e não é conhecido por se opor a qualquer modelo de poder.

Reclus é menos conhecido por sua colaboração para a educação e visto como personagem pitoresco entre os geógrafos, ainda que mais reconhecido do que Kropotkin. Esses dois anarquistas são colocados muito à margem do pensamento geográfico e quase apagados do pensamento educacional em ensino de Geografia no Brasil.

Nossa posição é menos em defesa de teóricos esquecidos e mais pela força das idéias que neles vigoraram e que muitas delas podem ser, ainda hoje, aproveitadas. Não se pode impedir que o curso da história do pensamento geográfico ocidental tome uma direção outra que a subserviência aos gestores políticos e econômicos. O final do texto de Giblin (2005), citado aqui várias vezes, termina por aceitar o construto de Reclus, mas se opõe a uma sociedade sem Estado. Os editores da revista *Hérodote* acham que essa posição é, *a priori*, oposta aos seus interesses políticos, já

<sup>22</sup> Sobre a diferença da heterogestão anarquista em relação à gestão participativa toyotista, encontramos um texto em que Kassick (2000) faz uma abordagem mais precisa sobre algumas confusões entre os dois sistemas.



que o conceito de nação, em certa medida, tem os mesmos conceitos de Estado e os dois são fundamentais para a análise geopolítica.

A construção de uma sociedade sem Estado, projeto constante entre muitas correntes anarquistas, não deve ser considerada um capricho explicativo para a análise geopolítica. Propor uma sociedade sem Estado não é o mesmo que defender uma sociedade sem nação. Isso nunca foi um propósito anarquista. Por isso, afastamo-nos da análise dos editores de *Hérodote* e de Giblin.

Se continuar com essa discussão, fugiremos de nossos propósitos iniciais para este texto e pretendemos, com isso, afirmar que uma sociedade sem Estado é uma idéia cativante. A sociedade sem Estado é uma empreitada difícil, desacreditada, a-científica e utópica; ainda assim, oferece muito para pensar as relações humanas que não tenham que ser mediadas por uma sociedade de classes. Optamos pela ingenuidade utópica contra o rigor de uma análise geopolítica e educacional fatalista que aguarda, a qualquer momento, um reboiço social que altere o sentido da ordem mundial.

Nosso enfoque é sobre a esquecida contribuição de Reclus para a educação, esquecimento que atrasou todas as perspectivas mais agradáveis de ensinar a Geografia, lástima maior dos pesquisadores e professores que sabem a carga pesada que é convidar os estudantes para os conhecimentos da Geografia.

A oportunidade de produzir uma escola sem hierarquia foi perdida nos desvios políticos do pensamento geográfico. Uma mudança de referência radical para o anarquismo talvez esteja, ainda, em tempo. Não podemos contar com gente tão honesta em seus interesses como Reclus, mas podemos ensaiar uma alternativa mediada que faça o ensino de Geografia ser uma efetiva colaboração para o projeto humano de uma sociedade generosa.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. **Élisée Reclus: a natureza da Geografia**. São Paulo: Ática, 1985.
- CAPEL, Horácio. **Filosofia y ciencia en la geografía contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981.
- CODELLO, Francesco. **A boa educação: experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa**, de Godwin a Neill. São Paulo: Imaginário e Ícone, 2007.
- GALLO, Silvio. **Educação anarquista**. Piracicaba: Artmed, 1995a.
- GALLO, Silvio. **Pedagogia do risco**. Campinas: Papyrus, 1995b.
- GIBLIN, Beatrice. Élisée Reclus: un géographe d'exception. **Hérodote**, n. 117, 2005. <http://www.herodote.org/spip.php?article148>. Acesso em 20/set/2010.
- HARTSHORNE, Richard. O conceito de geografia como uma ciência do espaço, de Kant e Humboldt para Hettner (1958). Tradução de Eliseu Savério Sposito e Antônio Elísio Garcia Sobreira. **Caderno Prudentino de Geografia**. Presidente Prudente, n.28, 2006, p. 9-32.
- KASSICK, Clovis N. S. Raízes da organização escolar (heterogestionária). In: PEY, Maria Oly et alii (Org.). **Esboço para uma história da escola no Brasil: algumas reflexões libertárias**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.
- LOPES, Milton. **Crônicas dos primeiros anarquistas no Rio de Janeiro (1888-1900)**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

MÜHL, Eldon H. **Habermas e a educação**: ação pedagógica como agir comunicativo. Passo Fundo: UPF, 2003.

QITICICA, José. **A doutrina anarquista ao alcance de todos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.

RECLUS, Élisée. **L'Homme et la Terre (éducation)**. Paris: Librairie Universelle, 1905, p. 444-446.

RODRIGUES, Edgar. **O anarquismo na escola, no teatro, na poesia**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.

SODRÉ, Nelson W. **Introdução à geografia**: geografia e ideologia. Petrópolis: Vozes, 1977.

Recebido em abril de 2016

Revisado em agosto de 2016

Aceito em março de 2017